

**A CONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE-ALTERIDADE DO ALUNO SURDO  
NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**Angélica Bittencourt Galiza<sup>1</sup>**  
angelicagaliza@yahoo.com.br

**Ronielson Santos das Mercês<sup>2</sup>**  
ronicfi2012@gmail.com

**Jose Anchieta de Oliveira Bentes<sup>3</sup>**  
anchieta2005@yahoo.com.br  
Grupo de Estudos em Linguagem e Práticas  
Educativas da Amazônia  
(GELPEA)  
Universidade do Estado do Pará- UEPA

**Resumo**

A inclusão escolar das pessoas com deficiência é marcada por lutas que, historicamente, perpassam por um pensamento de opressão social, cultural, discriminatório e exclusivo, marcado pelas desigualdades sociais e históricas. A construção da identidade da pessoa com deficiência retrata como os estigmas e situações de exclusão no convívio social, demarcam os direitos negados, silenciados e isolados na sociedade. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica, com base nos autores como o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2011) para subsidiar a relação da identidade-alteridade das pessoas com deficiência na perspectiva inclusiva no uso na língua brasileira de sinais (Libras), como uma língua que demarca o território identitário da pessoa surda. As mudanças de paradigmas da comunidade surda, em especial, investigar a contribuição da Libras na comunicação – relação dos surdos com o ‘outro’ – entre o sujeito surdo e o ouvinte, passa-se a tratar dessas relações pela ótica bakhtiniana em que a identidade se constitui pelas interações, isto é, se constitui pela alteridade. Portanto, conclui-se que o reconhecimento da Libras como língua, como uma representação de um grupo, contribuições a comunidade surda, pois o surdo a tem com sua língua materna e a surdez como um traço cultural, portando sua identidade- alteridade.

**Palavras- chave:** Educação Especial. Identidade-Alteridade. Surdez.

CONSTRUCTION OF IDENTITY-ALTERATION OF DEAF IN SPECIAL EDUCATION

**Abstract**

The school inclusion of people with disabilities is marked by struggles that historically permeate a thought of social, cultural, discriminatory and exclusive oppression, marked by social inequalities and prejudices. The construction of the identity of the disabled person portrays as stigmata and situations of exclusion in social life, demarcated with rights denied, silted and isolated in society. It is, therefore, a bibliographic research, based on the authors as the philosophic of the language Mikhail Bakhtin (2011) to subsidize the relation of identity-alterity of people with disabilities in the inclusive perspective in the use in the Brazilian language of Signs (Libras), as a language that demarcates the Identitary territory of the

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará. Professora Especialista da Secretaria de Educação do Estado do Pará. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Linguagem e Práticas Educativas da Amazônia (GELPEA). E-mail: angelicagaliza@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará. Pesquisador do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire. E-mail: ronicfi2012@gmail.com. Integrante do Grupo de Estudos em Linguagem e Práticas Educativas da Amazônia (GELPEA).

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Coordenador do Grupo de Estudos em Linguagem e Práticas Educativas da Amazônia (GELPEA). Doutor em Educação Especial. E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br

deaf person. The changes in the paradigms of the deaf community, in particular, to investigate the contribution of Libras in communication-the relation of the deaf with the 'other'-deaf or hearing subject, is dealt with these relations by Bakhtinian optics in which the identity is constituted by the interactions, that is, is constituted by alterity. Therefore, it is concluded that the recognition of Libras as a language, as a representation of a group, contributions to the deaf community, because the deaf has it with their mother tongue and deafness as a cultural trait, and carrying their identity-alterity.

**Keywords:** Special Education. Identity-alterity. Deafness.

## **Introdução**

Este estudo discute e defende o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas escolas em que tenham surdos estudando. Parte-se do pressuposto de que, ao fazer uso dessa língua, os sujeitos surdos estarão construindo uma percepção de mundo e dessa forma adquirindo as informações que são repassadas por meio da oralidade e da visualidade. E mais, com o uso dessa língua, estarão demonstrando que são diferentes por não terem uma audição funcional, mas não são incapazes de aprender e de conviver em sociedade. Tal posicionamento contrasta com a visão centrada na lesão do corpo, conforme a abordagem médica ou terapêutica.

Nessa abordagem, a diferença era racionalizada na ausência de oralidade e na ausência de audição, ocasionando a incapacidade de se comunicar ou de perceber os sons da fala vocalizada. Fundamentalmente, a lógica racionalista centrava todos os esforços na reabilitação, na colocação de próteses o que supostamente tornava-os falantes, no entanto, tais mecanismos impediam que surdos acompanhassem o fluxo de série e idade e suas compreensões sobre o mundo, e com isso a progressão escolar e obtenção de empregos.

Relacionada a essa abordagem de saber, a educação de surdos foi, por muito tempo, desenvolvida por meio de diferentes projetos educacionais baseados em uma tentativa de normalização e ouvintização – discriminação que não aceita a utilização da Libras desses sujeitos. A Libras propicia a expressão mais natural dos surdos brasileiros, é uma forma de resistência a normalização e ouvintização, e estes nunca deixaram de usá-la nas comunidades surdas.

Essa situação de não aceitação do uso da Libras representa a negação ao surdo do direito de ser surdo, pois no momento em que alguém rejeita a língua, rejeita-se também o sujeito, e, portanto, quando se usa a Libras se aceita o surdo, e desta forma se olha a surdez a partir da sua forma de ser e estar no mundo, dos seus traços culturais, afastando-se do olhar da normalização. Nesses termos, defende-se que os surdos podem fazer parte de uma comunidade linguística específica, diferente, talvez com hábitos e valores culturais próprios.

Ao centrar o estudo nas mudanças de paradigmas da comunidade surda, em especial ao focar a contribuição da Libras na comunicação dos surdos com o 'outro' – surdo ou ouvinte, passa-se a tratar

dessas relações pela ótica bakhtiniana em que a identidade se constitui pelas interações, isto é, se constitui pela alteridade. Vale ressaltar que a linguagem tem um papel primordial na interação do ‘eu’ com o ‘outro’, isso porque o indivíduo é construído socialmente e, assim, a identidade depende do outro, da intersubjetividade, de uma identidade relacional, que neste trabalho define-se como identidade-alteridade.

Portanto, as relações de identidade e alteridade são necessárias, uma vez que o sujeito sendo surdo ou sendo ouvinte se constitui na relação com o ‘outro’, na vivência e na comunicação. Nesses termos, a relação identidade-alteridade se realiza nos discursos que ocorrem entre as pessoas e representantes dos grupos sociais, sendo sempre relacional.

## **Objetivos**

Este estudo tem como objetivo discutir a construção da identidade de sujeitos surdos em relação ao outro – sujeitos ouvintes –, ou seja, de sua alteridade. E decorrente desse objetivo, formula-se algumas questões que envolvem a educação de sujeitos surdos, que são: qual a importância da Libras para o desenvolvimento social do surdo? De que forma a Libras contribui para a inclusão e para construção de sua identidade - alteridade?

Tais questões são relevantes e merecem atenção por tratarem acerca da educação de sujeitos que podem estar tendo seus direitos a uma educação de qualidade negados, em que políticas públicas não consideram suas necessidades e potencialidades, apenas pontuam uma ausência de audição e com isso também, uma ausência de fala, e que, portanto, os surdos deveriam se enquadrar no padrão de normalidade imposta pela sociedade capitalista e dominante.

Discutir sobre a educação dos sujeitos surdos e de sua identidade-alteridade é também valorizar traços de suas diferenças, com respeito às diversas maneiras de compreensão de que todos são capazes de aprender. Assim, espera-se que com tais discussões possam refletir sobre a valorização da Libras para a educação de sujeitos surdos, o respeito à sua identidade-alteridade, bem como almejar uma educação que inclua e respeite as diferenças de cada um.

## **Metodologia**

Na busca em alcançar os objetivos propostos com esse artigo utiliza-se como procedimento técnico a pesquisa teórica, que “baseia-se na necessidade de se fazer revisões bibliográficas, periódicas, que visam apresentar de modo organizado o estágio atual do conhecimento de um determinado assunto” (Oliveira, 2008, p. 96).

Para (Lakatos & Marconi, 2006, p.32) a bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” e tem por objetivo permitir ao cientista “o esforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulações de suas informações”. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não se baseia apenas na repetição do que já foi escrito, mas, sobretudo possibilita examinar um tema sob uma nova abordagem chegando a conclusões inovadoras, que contribuam com discussões e reflexões sobre o assunto.

As bibliografias pesquisadas neste trabalho ajudaram a construir este artigo, dando assim base às discussões apresentadas, norteando este estudo sobre o sujeito surdo na perspectiva da identidade-alteridade.

Dentre os conceitos pesquisados estão os do campo da educação especial, da educação de surdos e dos estudos dialógicos, aproximando discussões sobre inclusão, educação de surdos e identidade-alteridade, e dessa forma defendendo os direitos das pessoas com deficiências na perspectiva de maior interação social.

A pesquisa é do tipo teórica, em que se faz o levantamento e compilação do material bibliográfico, com a identificação e seleção das obras a serem analisadas e estudadas com os eixos na Libras, na educação de pessoas surdas e nas relações de alteridade na perspectiva bakhtiniana..

## **Resultados e Discussão**

Grande parte das referências trata do agrupamento da educação de surdos em três metodologias educacionais: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo, as quais subsidiaram políticas educacionais dentro das abordagens de integração e de inclusão das pessoas surdas.

O Oralismo consiste no desenvolvimento de habilidades de observação, concentração e imitação de movimentos labiais e expressão facial, enfatizando a língua oral em termos terapêuticos, com a fundamentação na “recuperação” ou reabilitação de sujeitos surdos. Esta metodologia perdeu forças nos anos de 1980 e 1990 diante do baixo aproveitamento na educação e nas relações sociais do surdo.

A Comunicação Total na avaliação de Ferreira-Brito (1995) não deixa de ser uma variação do oralismo, pois não descarta o uso da oralidade em simultaneidade com a língua de sinais, e assim o sujeito surdo pode obter formas de comunicação, inclusive a fala da língua oral, com acesso a diversos métodos auxiliares para que cheguem à fala. Esta preocupação para que o surdo desenvolvesse a oralidade e a Libras era uma forma de reprimir a Libras, pois se mantinha a lógica de que o surdo precisava se adequar a linguagem do sujeito ouvinte.

Os pesquisadores – dentre os quais Ferreira-Brito (1995) e Quadros (1997) – chegaram à conclusão de que o método simultâneo de falar e sinalizar ao mesmo tempo, o método da comunicação total, acabava por distorcer a Libras, desrespeitando a expressão própria da comunidade surda, historicamente produzida. Como resposta ao fracasso da comunicação total e explicitando o fortalecimento da ideia de respeito às diferenças, surge na década de 1980 o Bilinguismo como metodologia educacional.

A proposta Bilíngue de ensino é usada por escolas que pretendem tornar acessível à pessoa surda, no contexto escolar, nas duas alternativas: Libras como sua primeira língua e a língua oral na metodologia escrita como sua segunda língua. Defende o aprendizado integrado da língua no contexto escolar, e o mais importante, reconhece o surdo na sua diferença e especificidade.

Desta forma, com as mudanças de metodologias que perpassam do oralismo até uma educação bilíngue, a aprendizagem da Libras e da leitura e escrita passam a ter um papel importante, antes atribuído apenas a modalidade oral, passando à construção de uma nova identidade-alteridade e autonomia para os sujeitos surdos.

Os estudos bakhtinianos podem ajudar na formulação de metodologias educacionais para surdos, uma vez que se toma como parte da análise a importância da interação, na constituição do sujeito. Nesse sentido, a identidade-alteridade a partir da Libras torna-se mais intensa, pois, “Para Bakhtin, as palavras não podem ser concebidas sem as vozes que as falam [...]” (Emerson, 2010, p. 69).

Desse modo, por meio da Libras, o surdo pode expressar o que pensa sem se preocupar com a sonorização. A língua passa a ter mais vida, o enunciado passa a ser considerado e não mais a aquisição de palavras e/ou frases descontextualizadas, e com isso ter uma maior compreensão, o que facilita a sua interação com o outro, inclusive o ouvinte que sabe a Libras..

é extraordinariamente aguda a sensação do *seu* e do *outro* na palavra, no estilo, nos matizes e meandros mais sutis do estilo, na entonação no gesto verbalizado, no gesto corporal (mímico), na expressão dos olhos, do rosto, das mãos, de toda a aparência física no modo de conduzir o próprio corpo [...] Em tudo através do que o homem se exprime exteriormente ( e, por conseguinte, para o *outro*) – do corpo à palavra – ocorre uma tensa interação do *eu* com o *outro* [...].(Bakhtin, 2015, p. 331).

A partir do fracasso da política de movimentos integracionistas, passou-se a repensar em uma educação especial inclusiva, que reavalia não apenas as políticas e a organização da educação especial e regular, mas também o conceito de integração. A inclusão institui a inserção de uma forma mais

progressiva, completa e sistemática. Sua meta primordial é não deixar ninguém de fora do ensino regular, desde o começo da vida escolar da criança (Mantoan, 1995).

os surdos desenvolvem a Língua de Sinais devido a que é sua língua natural. Isto é, que a adquirem sem ensino sistemático – como adquire a criança ouvinte a língua falada de seu meio. Portanto, constitui seu modo de aproximação ao mundo, o meio de construção de sua identidade e o mecanismo para significar e “dizer” sobre o mundo [...] Através desta língua o surdo põe em funcionamento a faculdade da linguagem com a que nasce pelo fato de ser humano (Skliar, 1998, p. 64).

No entanto, a especificidade da educação de surdos envolve não apenas uma questão linguística, mas também uma questão psicossocial. Segundo Skliar (1998) as escolas especiais constituem o microcosmo de emergência da identidade surda, e da alteridade, da aquisição da Libras. Esse é um aspecto importante ao desenvolvimento de uma autoestima adequada e necessária à construção de uma identidade pessoal a partir das especificidades que caracterizam os surdos enquanto grupo com traços culturais diferente da comunidade ouvinte, mas também com traços comuns, desta forma:

no campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão. A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade (mas não em toda a plenitude, porque virão outras culturas que a verão e compreenderão ainda mais) aos olhos de outra cultura. Um sentido só revela suas profundidades encontrando-se e contactando com outro com sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas [...]. Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente. (Bakhtin, 2011, p.366).

O avanço da aceitação da língua de sinais como a língua materna possibilitou uma melhor comunicação, propiciando uma linguagem dialógica, pois o surdo conseguiu se expressar de forma mais completa, já que o corpo faz parte da construção da palavra, faz parte de cada enunciado, por exemplo, o sentido da palavra pode ser complementado pela expressão facial indicando o contexto em que o ato aconteceu, trata-se de uma situação de perigo, de medo, de susto, de riso etc. Assim ao se expressar pela língua de sinais o surdo passa a ter maior liberdade para se comunicar ampliando o círculo de interação e convivência para além do espaço familiar.

A palavra em uma perspectiva dialógica compreende que “Toda a compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bem diverso). Toda compreensão é preche de resposta [...]” (Bakhtin, 2011, p.271), nesse sentido, a partir da Libras em que a palavra se tornou viva, contextualizada, em que o diálogo – debate, conflito ou concordância

ocorre por meio da ‘voz’ do surdo a questão da palavra sempre necessitar de uma resposta, de uma réplica tornou a comunicação e interação mais intensa e dinâmica.

Nesse processo dialógico a relação de identidade-alteridade se alargou, pois ocorreu mudanças sobre como o surdo via a si mesmo, como via o ouvinte, como via o surdo, bem como a forma do ouvinte perante o surdo também foi gradativamente sendo alterada – o surdo para muitos deixa de ter o termo pejorativo de “mudinho” e constituir-se o sujeito de direitos, do qual todos podem se aproximar pelo conhecimento da sua linguagem.

A Língua Brasileira de Sinais surge então, como um mecanismo de afirmação da identidade- alteridade surda. Identidade que pode ser anulada e silenciada durante muito tempo, na prática da oralização imposta pela sociedade, que por não dominar a oralidade, eram excluídos e considerados incapazes de desenvolver qualquer atividade além de não poder ser dono de si mesmo.

a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, é uma das peculiaridades da cultura surda, é a forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta a língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (Strobel, 2008, p. 44)

Neste sentido, reconhecer a diferença entre surdo e ouvinte é reconhecer as suas limitações no que diz respeito ao seu desempenho na aquisição de uma língua oral, no entanto é também reconhecer a sua habilidade na criação de línguas gestuais-visuais, ou seja, a Libras. O reconhecimento da diferença é o primeiro passo para a inclusão do surdo na comunidade.

A necessidade de sua inserção na Comunidade Surda, bem como sua participação ativa no mundo dos ouvintes, possibilita em que muitos surdos construíssem valores, conceitos. E a partir de suas experiências, se constroi uma convicção sobre a importância da Libras para a formação de sua identidade, passando assim, a ter um olhar diferente do olhar do ouvinte-opressor sobre a Libras, o que possibilita criar a convicção de que ela é indispensável tanto aos intercâmbios e aprendizados quanto à construção de uma identidade de pessoa surda.

Santana (2007) ressalta que a Libras legitima o surdo como sujeito de linguagem e é capaz de transformar a “anormalidade” em diferença. Os defensores da Libras afirmam que é somente por meio da Libras que o surdo constrói uma identidade- alteridade surda, sendo assim é o que o define.

Portanto, não se pode mais negar aos surdos o direito de serem parte integrante da sociedade, como muito foi feito, mas sim permitir que estes tenham a oportunidade de se desenvolver de forma específica e peculiar a das crianças ouvintes, respeitando sua língua, em sua diferença. Isso implica:

respeitar, tolerar, suportar, entender a cultura alheia não deve ser menos comprometedor que traçar estratégias sócio-políticas para tornar visíveis as diferenças e agir em função delas. Ora, a afirmação das identidades e da diferença dos surdos traduz um direito de garantir-lhes o acesso aos bens sociais enquanto direito, não enquanto concessão (Sá, 2002, p. 02).

Assim, a comunidade surda apresenta um papel de suma importância para o desenvolvimento da identidade-alteridade, pois nessa comunidade a Libras ocorre de forma espontânea e efetiva, além disso, todo sujeito precisa interagir em seu meio, apropriar-se de seus traços culturais e de sua história, e formar sua identidade por intermédio do convívio com o outro.

Nas escolas, compreende-se que apenas colocar o aluno surdo na sala regular não garante sua inclusão, todos os alunos precisam estar envolvidos no processo de aprendizagem, participando, desenvolvendo sua autonomia e identidade, com um currículo que o inclua e favoreça seu desenvolvimento de modo integral.

### **Considerações finais**

Neste sentido, pensar a educação dos surdos a partir dos imaginários e das representações construídas sobre a surdez e sobre os próprios surdos, aparece como uma forma de entender o tratamento social e educacional que normalmente lhes é dado. As questões que envolvem a educação dos surdos estão carregadas de subjetividades, impondo-se aos surdos uma aquisição de língua e de cultura dominante capitalista, e o seu sucesso ou fracasso se relaciona diretamente com as imagens e representações que lhe dão, em meio a certas dificuldades de aprendizagem, ligada a uma suposta inferioridade cognitiva e linguística, a diferença ainda vivenciada na desigualdade.

Todavia, estar na educação de surdos é desaprender um grande número de preconceitos, entre eles o de querer fazer do surdo um ouvinte e caminhar no sentido da valorização de sua identidade-alteridade enquanto sujeito, reconhecê-los em suas potencialidades, o que faz com que eles sejam diferentes e não necessariamente lesionados, estabelecendo a partir da Libras relações mais dialógicas.

Ao analisar os autores que tratam da educação do surdo, percebe-se em grande parte que as pessoas surdas defendem o direito de sua língua, de sua cultura de identidade-alteridade, suas formulações valorizam suas potencialidades, acreditando que dessa forma ocorra seus desenvolvimentos sociais e cognitivos.

O reconhecimento da Libras como língua e assim, como uma representação de um grupo, trouxe sem dúvida contribuições a comunidade surda, pois o surdo a tem como sua língua materna e a surdez



como um traço cultural, e portando uma identidade-alteridade. Assim, reconhecer os surdos como minoria linguística, pertencente a sua comunidade, constitui-se a surdez não como uma lesão, e sim, como uma identidade-alteridade repleta de cultura e interação, com organização política e reconhecida em termos de legalidade, que gradativamente vai estabelecendo com o outro uma relação dialógica, em que o enunciado assume características próprias, que na Libras deve ser considerada pela linguagem de todo o corpo.

## Referências

- Bakhtin**, M.M. (2015). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do Russo, notas e prefácios de Paulo Bezerra. 5ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Bakhtin**, M.M. (2011). *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Brasil**. (1996). Ministério de Educação e Cultura. LDB - *Lei nº 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC.
- Brasil**. (1961). Ministério de Educação e Cultura. LDB - *Lei nº 4024/61/ lei nº 4.024*, de 20 de dezembro de 1961(revogado). Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC.
- Brasil**. (2002). Ministério de Educação e Cultura. *Lei N.º 10.436*. de 24 de abril de 2002 Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: MEC.
- Brasil**. (2008). *Política Nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília, MEC.
- Emerson**, C. (2010). Palavra exterior e fala interior: Bakhtin, Vygotsky e a internalização da linguagem. In: *Mikhail Bakhtin: Linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro & João. Editores.
- Ferreira-brito**, L. (1995). *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia.
- Lakatos**, E. M. & Marconi, M. A. (2006). *Metodologia científica*. 4ª ed. São Paulo: Atlas.
- Mantoan**, M. T. (1995). *Ensino Inclusivo/ Educação (de qualidade) para todos*. Rio de Janeiro: Editora W.V.
- Oliveira**, I. C. A. de. (2008). *Introdução à metodologia científica*. Pará de Minas: Virtual Books.
- Quadros**, R.M. (1997). *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre. Artes Médicas.
- Orlandi**, E. P. (1993). *As formas do silêncio*. São Paulo: Cortez; Campinas, S.P.: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- Sá**, N. R. L. de. *Cultura, Poder e Educação de Surdos*. Manaus: INEP.
- Santana**, A. P. (2007). *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas* /Ana Paula Santana – São Paulo: Plexus.
- Sasaki**, R. K. (1997). *Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos*. São Paulo: WVA.
- Skiliar**, C. (org.). (1998). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre. Mediação.

**Strobel, K. L.** (2008). *História dos Surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas*. In: QUADROS, Ronice Muller de e PERLIN, Gladis (organizadoras). *Estudos Surdos II*. Petrópolis: Arara Azul.